

FIAMINGHI MOSTRA SUAS PESQUISAS DE LUZ E COR

Antonio Gonçalves Filho

O pintor Hermelindo Fiaminghi costuma dizer que chegou ao concretismo sem nenhuma informação teórica, nenhuma informação sobre seus postulados ou mesmo sobre sua existência. No entanto, foi um dos principais representantes desse movimento e continua ativo, aos 75 anos, pintando o que ele chama de "cor-luz". A junção das duas palavras faz lembrar, inevitavelmente, os impressionistas. As questões levantadas por Cézanne na pintura ainda não estão esgotadas, como prova a exposição de Fiaminghi, a partir do dia 16, às 21 horas, na Galeria São Paulo (Rua Estados Unidos, 1.456, Tel. 852-8855).

Mas não se trata de uma releitura extemporânea do impressionismo. As 12 telas da exposição são frutos de uma longa pesquisa que Fiaminghi vem desenvolvendo desde 1958. Na verdade, trata-se de um ambicioso projeto sobre a difusão da cor por incidência da luz. Um dos grandes gráficos que o Brasil conheceu antes do fotolito, Fiaminghi era o "cromista", o "olho" que sabia quantas cores existia por trás daquele azul do cartaz de publicidade ou dos rótulos.

Sensibilizado pelo interesse do amigo, Volpi, cedeu uma sala de seu ateliê a Fiaminghi, em 1959, e lhe ensinou a técnica da cristalina emulsão da têmpera. Os pigmentos puros, a transparência, levaram à execução artesanal das retículas de cinco obras apresentadas na Bienal de 61 e, hoje, a "cor-luz" de Fiaminghi já virou até objeto de uma tese universitária. Nessas retículas, o pintor somou sua experiência de artes gráficas à pintura, mas não caiu na armadilha de pesquisar uma "cor brasileira".

"Isso não existe, é uma discussão cabotina", observa Fiaminghi. "A cor de Volpi, afinal, é brasileira ou toscana?", pergunta, demonstrando a impertinência da questão. Para ele, o que importa são as vibrações, mutações, expressão e transparência da cor. Seu exercício segue o caminho oposto dos impressionistas, que iam para o campo captar a luz da natureza. Fiaminghi passeia, retém a cor-luz na retina e tenta recriar o que viu entre as quatro paredes de seu ateliê.

Toda a construção da tela serve a um único propósito, a pesquisa cromática, como se o mundo fosse reinventado sem figuras. "As faixas verticais que você vê servem apenas para estabilizar essa construção e as figuras geométricas que surgem do encontro entre as cores são automaticamente desfeitas, porque inexiste a linha, o limite cortante", explica.

Fiaminghi considera essa pesquisa intimamente ligada a seu passado concretista. Não há choque entre a retícula cor-luz e os trabalhos dos anos 50 e 60. "São trabalhos formalmente ligados ao concretismo", diz o pintor, que chegou a escrever uma carta para Waldemar Cordeiro pedindo "demissão" do grupo concreto, por considerar que o movimento havia se tornado bairrista, elitista. Na época, observando Volpi silencioso e solitário, que pintava como um missionário, resolveu seguir seu exemplo.

"Achava errado quando alguém dizia que o concretismo era frio, racional, porque eu fui um artista concreto e não via minha pintura desse modo", diz. Fiaminghi considera que os pintores jovens têm, hoje, maior liberdade de revisitar a história da pintura, citando

